



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA LUSOFONIA AFRO-
BRASILEIRA (UNILAB)**

PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO (PROGRAD)

INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)

BACHARELADO EM HUMANIDADES (BHU)

ISMAEL DE SOUZA LEANDRO

**ENTRE A GUERRA E A DEMOCRACIA: OS DISCURSOS DO IMPÉRIO NA ERA
BUSH:**

REDENÇÃO – CE,

2020

ISMAEL DE SOUZA LEANDRO

ENTRE A GUERRA E A DEMOCRACIA: OS DISCURSOS DO IMPÉRIO NA ERA BUSH:

Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Bacharelado em Humanidades (BHU), vinculado ao Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB), como requisito final para a obtenção do título de Bacharel em Humanidades.

Orientador: Profº. Dr. Sebastião André Alves de Lima Filho

REDENÇÃO-CE

2020

Aprovado em: 29 / JANEIRO / 2020

BANCA EXAMINADORA:

PROFESSOR DOUTOR: SEBASTIÃO ANDRÉ ALVES DE LIMA FILHO
(ORIENTADOR / IH UNILAB)

PROFESSOR DOUTOR: CARLOS SUBUHANA
(EXAMINADOR / IH UNILAB)

PROFESSOR DOUTOR: JAMES FERREIRA MOURA JÚNIOR
(EXAMINADOR / IH UNILAB)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus por me conceber a vida e os dias que mim fizeram chegar até aqui após um longo processo de estudo repleto por semanas um tanto quanto difíceis.

A minha família na figura do meu pai José Luciano, e minha mãe Maria Marlene que mim deram todas condições para que hoje eu pudesse alcança esse objetivo.

Ao meu orientador DR. Sebastião André Alves de Lima Filho que mim ajudou bastante apresentado toda essa literatura que estimulou o meu estudo.

Aos amigos que tiveram paciência nos dias de correria de pesquisa e se propuseram a estar do meu lado em todos os momentos.

RESUMO

Objetivo deste trabalho é Compreender a relações entre a guerra e a democracia no Oriente Médio nos discursos de George W. Bush. Verificar falas presidencial de George W. Bush que apoie a democracia e ínsita a guerra contra o Oriente Médio. Assim como identificar fatores que acarreta o combate armado entre grupos regionais do Oriente Médio contra a força militar norte-americana. Neste sentido o projeto leva em conta discursos de George W. Bush acerca do pôs ataque as torres gêmeas no 11 de setembro 2001 tentando mostrar como esse fato impactou na região do Oriente Médio. Analisando as ideias da paz democrática no território do Oriente Médio, assim como a justificativa utilizada pelo o pentágono que a guerra era necessária para salvar aquela região do eixo do mal dos grupos fundamentas islâmicos com a AL-Qaeda, implantação da democracia no Oriente Médio, e a intervenção norte-americana na região. Todos esse ponto citados são utilizado para dar base textual ao projeto. O método de base desta pesquisa será o métodos bibliográficos.

Palavras-chaves: paz democrática, eixo do mal, guerra ao terror, terroristas.

ABSTRACT

Purpose of this paper: to understand the relationship between war and democracy in the middle East in the speeches of George W. Bush. Check George W. Bush's presidential bankruptcies that support democracy and the war against the Middle East. Thus, how to identify factors that lead to combat weapons between regional groups in the Middle East against an American military force. In this sense, the Project takes into account George W. Bush's speeches about tower attacks such as those of September 11, 2001, trying to show how this fact impacted the Middle East, as a justification used by the Pentagon that was of war, it was necessary to save the region from the axis of groups of Islamic groups founded by AL-Qaeda, implementation of democracy in the Middle East, and the intervention in the region. All of these points are used for the basic textual Project. The basic method of this research will be the bibliographic method.

Keywords: democratic Peace, axis of evil, war on terror, terrorists.

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	
1.1 PROBLEMA DE PESQUISA.....	8
1.2 HIPÓTESES.....	10
1.3 JUSTIFICATIVA.....	12
1.4 OBJETIVOS.....	13
2. REFERENCIAL TEÓRICO	
2.1 PAZ DEMOCRÁTICA DE GEORGE W. BUSH.....	14
2.2 GUERRA AO TERROR NO EIXO DO MAL.....	16
2.3 A IMPLANTAÇÃO DEMOCRÁTICA NORTE AMERICANA NO ORIENTE MÉDIO.....	19
2.4 AS FORMAS DA INTERVENÇÃO MILITAR NO ORIENTE MÉDIO.....	24
2.5 O PÓS GUERRA DEMOCRÁTICA E DUELO ENTRE IDEOLOGIA ISLÂMICA PELO PODER.....	27
3. METODOLOGIA.....	29
4. REFERÊNCIAS.....	30

1.INTRODUÇÃO

1.1 O PROBLEMA DA PESQUISA

A pesquisa tem como principal intuito analisar os discursos presidenciais do presidente George W. Bush observando falas sobre a guerra e a democracia no Oriente Médio. Fazendo o questionamento central: O que é a guerra para a sociedade norte-americana? O que se pode identificar sobre este assunto no passado e na atualidade é que desde da segunda guerra mundial os EUA participam diretamente ou indiretamente das movimentações políticas e econômicas na região do Oriente Médio. Ficando ainda mais intenso seu poderio na região na pós guerra fria, onde após o confronto de vários anos com a União Soviética veio se tornar a única força detentora da hegemonia global, podendo intervir em toda geopolítica mundial. Devido esta dominação imperial e o medo da ocidentalização do Oriente Médio pelo EUA, foi que grupos terroristas que já existia bem antes da Guerra Fria, e do 11 de setembro de 2001, organizaram-se para defender suas culturas e identidades nacionais e locais da região. Mesmo com essas ideias de auto-defesa contra teorias ocidentais, as intervenções americanas já eram bastante formidáveis na região, pois o pentágono tinham alguns países parceiros na região podendo controlar militarmente e economicamente. Deixando este contexto histórico em segundo plano e partido para ponto principal, o fator determinante desta pesquisa é analisar o pós-ataque terrorista, no maior símbolo norte-americano naquele período; as torres gêmeas, na data 11 de setembro de 2001 e suas consequências para os países do Oriente Médio. Haja vista que o grupo fundamentalista que atacou o símbolo de supremacia norte-americana naquele período é residente naquela região. Assim tentarei mostrar como esse fato impactou nos discursos de guerra e democracia de George W. Bush para com região do Oriente Médio, a busca de inimigo invisível AL-Qaeda, e compartilhamento da ideia do eixo do mal vigente naquela região para todo globo.

O ataque de 11 de setembro de 2001 às torres gêmeas foi um fato que deixou a administração Bush em uma emboscada política, por ser obrigada a dar uma resposta instantânea à população Norte Americana sobre aquele fato. Haja vista a defesa dos valores de fundações culturais americanas estava em jogo. Assim como mostra para o mundo que o pentágono continua forte economicamente e militarmente

na defesa de todo território global. Mas esse fato era inédito, pois os EUA estavam acostumados a atacar e não ser acatados como fala George W. Bush em seu discurso:

Em 11 de setembro, inimigos da liberdade cometeram um ato de guerra contra nosso país. Os americanos já conheceram guerras -mas, nos últimos 136 anos, foram guerras em solo estrangeiro, exceto num domingo em 1941. Os americanos sofreram perdas em guerras -mas não no centro de uma grande cidade numa manhã tranqüila. Os americanos conheceram ataques surpreendentes -mas nunca anteriormente contra milhares de civis. Tudo isso caiu sobre nós num único dia- e a noite caiu num mundo diferente, um mundo no qual a liberdade está sendo atacada.(BUSH.FOLHA DE S. PAULO. 2001,p.2)

Mas, a questão da defesa da soberania americana é bastante complexa, pois o inimigo americano; o grupo terrorista AL-Qaeda não tinha base fixa por ser um grupo transnacionais, onde a única informação que o pentágono adquiriu era que esse grupo terrorista era da região do Oriente Médio. Partindo deste contexto, a administração Bush invadiu alguns países da região em busca de seu inimigo invisível, que era o grupo terrorista, e ao mesmo tempo pregava ao mundo que aquela região precisava de democracia para lutar contra “o eixo do mal”, o grupo terrorista. Como Bush fez em seu discurso após o atentado das torres gêmeas, citado na reportagem feita pelo Jornal Folha de São Paulo:

Americanos estão perguntando: por que eles nos odeiam? Eles odeiam o que nós vemos aqui mesmo nessa câmara -um governo eleito democraticamente. Os líderes deles são auto-indicados. Eles odeiam as nossas liberdades-nossa liberdade de religião, nossa liberdade de expressão, nossa liberdade de voto e de associação e de discordar um do outro. Eles querem derrubar governos existentes em muitos países como Egito, Arábia Saudita e Jordânia. Eles querem expulsar Israel do Oriente Médio. Eles querem expulsar cristãos e judeus de enormes áreas da Ásia e da África. (BUSH. FOLHA DE S. PAULO. 2001,p.3)

Bush vem por meio desta citação demonstrar a defesa de valores democráticos. Partindo dessa análise vem o seguinte questionamento específico: como o discurso do presidente George W. Bush pode defender a democracia e a barbárie no território do Oriente Médio?

O discurso democrático de lideranças políticas norte-americanas sempre foram bastante utilizados no decorrer dos anos em várias situações, seja para narrativas utilizadas meramente atribuídas ao contexto político, ou na evocação de mitos do passado como aconteceu no discurso presidencial de George W. Bush quando ocorreu atentado do 11 de setembro de 2001. Onde ele buscava a unificação de

pensamentos sociais sem nenhuma divisão política ao entorno de seu discurso, fosse através de frases históricas, ou revivendo mitos americanos de formação hegemônica de supremacia do pentágono. Como afirma Junqueira:

Bush lembrava aos norte-americanos que todos faziam parte da mesma comunidade. Sugeriu que, naquele momento de crise, era imprescindível obter a união de todos a fim de obter o apoio necessário para as decisões que viria a tomar. É preciso lembrar que nos Estados Unidos alguns discursos presidenciais são peças de retórica celebradas, constantemente lembradas, e fazem parte da cultura política do país. (JUNQUEIRA. 2003.P.165)

As principais características que são evocadas da sociedade norte-americana nestes momentos de dificuldade que pedem unificação social são divididas em três perspectivas: a identidade, o patriotismo, e o nacionalismo. Porque revivendo esses momentos históricos fazem a sociedade revigorar seus laços identitários, e transmite seu poder de grandeza sobre os demais países do globo. Fazendo com que toda sociedade norte-americana lute pelo bem comum.

Os discursos George W. Bush sobre a região do Oriente Médio logo após o atentado do 11 de setembro de 2001 era sempre seguindo a linha de pensamento que tinham que “o bem vencer o mal”, “liberdade vencer o medo”, a “guerra ao terror”, em que a América tinha responsabilidade de livrar o mundo do “eixo do mal”. Esses foram alguns pontos das falas de Bush feito nas cadeias de televisão e rádio logo após o atentado contra as torres gêmeas. Assim como também no congresso. Discurso de Bush, reportagem do Jornal Folha de São Paulo:

Entretanto, isso não é apenas a luta da América. E o que está em jogo não é apenas a liberdade da América. Essa luta é mundial. Essa luta é da civilização. Essa é a luta de todos que acreditam em progresso e pluralismo, tolerância e liberdade. Nós pedimos a todas as nações que se juntem a nós. Nós pediremos, nós precisaremos da ajuda de forças policiais, serviços de inteligência e sistemas bancários em todo o mundo. (BUSH. FOLHA DE S. PAULO. 2001, p.4)

Esse pensamento citado acima mostra como Bush usa a força de seu discurso para mobilizar todo o globo. A partir desta citação vem um novo questionamento: o que ocasionou combates armados entre grupos regionais do Oriente Médio contra a força militar americana no pós-atentado das torres gêmeas?

Como próprio Bush fala que os EUA era defensor da soberania global, ele também trazia a ideia de que quem não se posicionasse a favor das suas empreitadas

de invasão do território do Oriente Médio a caçar de terroristas poderiam ser tratados como seus inimigos. Como ele deixou transparecer em seu discurso no congresso: “cada nação, em cada religião, tem de tomar uma decisão agora. Ou estão conosco ou estão com os terroristas”. Essa era a mensagem que Bush repassava para todas as nações globais naquele período.

A principal ideia que Bush sempre se posicionou em querer impor as nações do Oriente Médio era a democracia, que para muitos pode ser a forma de participação direta da sociedade através do voto. Para a doutrina Bush, era uma forma mais fácil de manipular a sociedade daquela região aos seus interesses econômicos na região. A forma de invasão territorial das nações daquela região a caçar de terrorista foi uma forma muito bem manipuladora para atender aos interesses norte-americano tanto do poder estatal como privado. Haja vista, naquela região estão concentradas as maiores reservas de petróleo e gás do mundo.

Para o governo de George W. Bush, estava em jogo tornar a região do Oriente Médio em formação democrática seja política, social ou religiosa. Pois em diversas falas presidenciais eles explicam esse atraso social daquela região por não compartilhar de métodos democráticos como os ocidentais. Com isso, a ideia de criar um país com base democrática no Oriente Médio era tido como modelo. Ao dar certo, este país mostraria para toda região que os governos com métodos democráticos são bons. Com afirma Leite:

O objectivo da administração Bush baseia-se no efeito catalítico que a criação de uma democracia exemplar na região terá: a presença de uma democracia na região, no coração do mundo árabe poderá compelir outros Estados a reformar-se ou a serem substituídos. A deposição de Saddam e sua substituição por uma democracia pode ser o primeiro passo para a reconstrução da região e para acabar com a fonte de recrutamento do terrorismo islâmico.(Leite.2013, p.113)

O Iraque foi tido o país escolhido para o teste democrático.

Os norte-americano acreditavam que a suplantação de ideias democráticas na região do Oriente Médio acabaria com grupos terroristas. E os mesmos tinham noção de que o país democrático tinha que dar certo. Pois não funcionando a democracia aquele país seria um estado falido e frágil a esses grupos terroristas.

Todas essas ideias citadas estarão desenvolvidas ao logo desta pesquisa, como forma de tentar levantar questionamentos e conhecimento sobre o tema

sugerido. E postergar alguns conhecimentos através de dados sobre a geopolítica desta região com interferência dos EUA.

1.3 JUSTIFICATIVA:

A guerra civil no Oriente Médio é algo bastante noticiado nos meios de comunicações nacionais e internacionais desde do fim do século passado ao início deste século XXI, trazendo uma análise para a sociedade global sobre o olhar do poder imperial norte-americano. Olhando sempre os dominadores globais como protetores da soberania e da democracia mundial.

Esses fatos citados acima me causaram uma curiosidade de fazer uma análise sobre os fatores que ocasionaram e continuam a ocasionar conflitos armado no Oriente Médio. Mas bem diferente do que a mídia tradicional noticia apenas sobre olhar dos “defensores” da soberania global os EUA, a ideia é trazer um olhar sobre falas presidenciais do presidente George W. Bush sobre a ótica de discursos democráticos no Oriente Médio, fazendo comparações entre os discursos e a forma de agir levantando pontos sobre a barbárie da guerra imposta pelo poder imperial norte-americano naquela região.

Os discursos presidenciais do presidente George W. Bush eram sempre de um EUA soberano e dominador de várias regiões no mundo, como é o caso do Oriente Médio. Mesmo ocasionando guerra civil com falas defensoras da democracia. O combate armado no Oriente Médio é algo bastante visto pelo fato de haver um grande jogo de interesses regionais econômicos e a defesa das suas identidades locais contra a forças do ocidente. Tendo como principal interessado nesta desorganização do sistema os EUA.

Poder imperial norte-americano é algo pouco debatido socialmente e quando tentam debater sempre é seguida a linha de pensamento imposta do colonizador através da mídia tradicional. A ideia na elaboração desse estudo sobre a democracia e a guerra nos discursos de George W. Bush sobre o Oriente Médio, é fazer questionamentos e tentar mostrar os verdadeiros motivos que ocasionam a guerra no Oriente Médio. Sobre análise de estudos já feitos de livro, artigos e teses.

Ao fazer esse estudo a ideia é fomentar uma nova forma de observar socialmente o que está por trás do discurso democrático dos EUA, com uma visão

ampla e sem as máscaras imposta pelo dominador através das mídias tradicionais, tentando descrever os fatos com exatidão como são na realidade. Trazendo uma análise bem diferente da imposta a sociedade, observando o que fala o principal líder do poder imperial norte-americano naquele período o presidente George W. Bush sobre a democracia no Oriente Médio, e como são seus atos impostos naquela região.

1.4 OBJETIVOS

OBJETIVO GERAL

Analisar a relações entre a guerra e a democracia no Oriente Médio nos discursos de George W. Bush.

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Verificar falas presidencial de George W. Bush que apoie a democracia e incita a guerra contra o Oriente Médio.

Identificar fatores que acarretaram o combate armado entre grupos regionais do Oriente Médio contra a força militar Norte-Americana no pós atentado da torres gêmeas.

2. REFERENCIAL TEÓRICO:

2.1 PAZ DEMOCRÁTICA DE GEORGE W. BUSH

Os EUA ao longo da construção da história social como nação independente, sempre esteve bastante presente no seu meio social americano a ideia de democracia. Por conta desta forma de pensar e exaltação dos mitos democráticos fundados na ideia de Kant, é que diversos presidentes norte-americanos tentam “importar sua ideia democrática” às nações em diversas regiões do mundo mesmo que seja de forma autoritária com combate armado. Ocasionalmente uma grande mortandade.

É seguindo esse mito americano que o presidente George W. Bush inicia um dos seus projetos mais desumanos do seu governo, a intitulada por ele “guerra ao terror”. Onde ele se apoia no discurso de paz democrática de Kant para invasão ao território de países do Oriente Médio;

a «paz democrática» define o princípio fundamental na relação entre a democracia e a guerra – a guerra é impossível, ou quase impossível, entre os príncipes republicanos – que parece ser confirmado pela evolução da política internacional. (GASPAR. 2007, P.85).

Esse apoio incondicional da população norte-americana à invasão ao território do Oriente Médio e o princípio da paz democrática de Bush só veio acontecer após o atentado terrorista de 11 de setembro 2001 promovido pela Al-Qaeda; um grupo fundamentalista islâmico. Esses que, causaram a queda dos prédios de maior orgulho americano, as torres gêmeas. Fato esse que ocasionou várias mortes de cidadãos americanos.

George W. Bush logo após esse atentado fez um grande pronunciamento à nação através dos veículos de comunicação, em que o mesmo exaltava os mitos culturais democráticos americanos formadores da história de sua nação. Fazendo da mesma forma no congresso um discurso unificador entre republicanos e democratas. Entorno do combate ao terror que sua nação passava naquele momento, Junqueira:

Resgata mitos e símbolos da construção do país que lembram aos norte-americanos que eles fazem parte de uma comunidade única e exclusiva. (JUNQUEIRA.2003, P.164)

E Bush afirmou:

Os americanos são um povo livre, que sabe que a liberdade é o direito de cada pessoa e o futuro de cada nação. A liberdade que estimamos não é uma dádiva da América ao mundo, mas a dádiva de Deus à humanidade. (BUSH,2003 apud LEITE.2013, p.113)

Onde Bush em seu discurso no congresso aproveitou a força da sua fala naquele momento para mostrar a sociedade estadunidense que estava lutando contra o terror:

Toda a América ficou emocionada na noite da tragédia ao ver republicanos e democratas, em conjunto nos degraus do Capitólio, cantando "God Bless America". E vocês fizeram mais do que cantar, vocês agiram ao liberar US\$ 40 bilhões para reconstruir nossas comunidades e pagar as necessidades de nossos militares.(BUSH,2001 apud FOLHA DE SÃO PAULO.2001.p.1)

Esse 40 bilhões liberados pelo congresso para a doutrina Bush, para fazerem intervenções militares em busca dos inimigos estadunidenses no território do Oriente Médio serve como um incentivo para a barbárie, pelo fato do combate não ter um alvo certo, mas sim um alvo indefinido. Como Arantes afirma:

Explico a mudança na política externa do país: os métodos anteriores não mais eram eficazes porque as regras do jogo haviam sido alteradas. Não existiam mais os países e as ameaças convencionais. A segurança nacional dos EUA passava a ser alvo de uma nova espécie de guerra, movida por um inimigo irreconhecível e imprevisível, que se representava no terrorismo internacional.(ARANTES.2004,P.53).

Já que era uma guerra sem alvo certo, não se podia afirmar a existência de terroristas em uma só região, Bush afirmou que AL-Qaeda estava concentrada em território afegão, mas que poderiam estar em qualquer país da região do Oriente Médio. O poder hegemônico norte-americano deixa transparecer que tem algum interesse em dominar o território do Afeganistão.

Com essa alteração na política externa norte-americana de segurança e sua ideia de democratização para evitar a barbárie. Bush findou sua ideia de paz democrática como forma de acabar com conflitos regionais e transnacionais de países que faziam parte do "eixo do mal" localizado no Oriente Médio, como afirma Barroso:

Assim, a paz democrática deve ter validade em quatro níveis diferentes: o primeiro implica que as democracias são frequentemente mais pacíficas dentro das suas fronteiras, ou seja, que fenômenos de guerras internas são pouco prováveis; o segundo, o monádico, implica que as democracias são mais pacíficas do que os outros regimes; o terceiro, diádico, implica que as democracias mantêm mais frequentemente a paz entre elas; e por último, o sistêmico, ou seja, que quantas mais

democracias houverem, mais pacífico será o mundo.(BARROSO.2007,p.3)

Assim, sendo disseminado pelos quatro cantos do EUA e pelo mundo, a fórmula mágica democrática de Bush para acabar com a guerra no território do Oriente Médio.

Logo após essa série de demonstrações para a ideia democrática depois do atentado do 11 de setembro de 2001, Bush iniciou sua política democrática expansionista no Oriente Médio. Disseminando sua ideia na região não com republicanismo e diplomacia como manda as ideias democráticas, mas com invasão descabida sem alvo a procurar por pessoas e países tidos como protetores que faziam parte do chamado “eixo do mal”, como ele denominava. Ameaçando os regimes regionais, os cidadãos tinham que cooperar como ele ou sua nação ele mesmo sofreriam com seus atos, como afirma essa reportagem:

{...}E, hoje à noite, os EUA fazem as seguintes exigências ao Taleban: Entregar às autoridades americanas todos os líderes da Al Qaeda que se escondem em seu território. Libertar estrangeiros -incluindo cidadãos americanos- que vocês prenderam injustamente e proteger jornalistas estrangeiros, diplomatas e pessoas que trabalham com ajuda humanitária. Fechar imediatamente e permanentemente todos os campos de treinamento de terroristas existentes no Afeganistão e entregar todos os terroristas e todas as pessoas que os apóiam a autoridades competentes. Dêem aos Estados Unidos acesso total aos campos de treinamento terrorista para que possamos verificar se eles não estão mais em operação. Essas demandas não estão abertas a negociação ou discussão. O Taleban deve agir e agir imediatamente. Eles vão entregar os terroristas ou eles vão compartilhar sua sina. (BUSH.FOLHA DE SÃO PAULO. 2001,p.2)

Como pode ser visto acima, não é algo diplomático e democrático como se pensava, mais sim a imposição da ordem do pentágono sobre países que possivelmente defendiam esses terroristas. Nessa definição de países defensores da barbárie, o primeiro inimigo declarado a democracia foi o Afeganistão e depois o Iraque.

2.2 GUERRA AO TERROR NO “EIXO DO MAL”

Ao longo da história, a região do Oriente Médio sempre teve diversos combates entre nações regionais, por brigas religiosas ou econômicas. Mas com o advento da poderosa chegada dos EUA nessa disputa tudo isso parece ter mudado. Se transparece ser uma briga de uma superpotência global contra uma região. Que é uma região de bastante interesse econômico aos norte-americanos.

A guerra ao terror foi a maior invenção George W. Bush. Como afirma Gomes Reis Espíndola:

Guerra ao Terror foram as intervenções no Afeganistão em outubro de 2001, cujo governo era considerado cúmplice de Osama Bin Laden, e no Iraque em março de 2003, a partir de alegadas - mas nunca comprovadas - provas da produção de armas de destruição em massa pelo regime de Saddam Hussein, assim como de suas ligações com a Al Qaeda.(GOMES. REIS. ESPÍNDOLA. 2014,p.292)

Podemos demonstrar o quanto o interesse norte-americano estava pensando somente nas riquezas da região, enganando toda a opinião pública global com sua ideia defensora da democracia.

A administração de George W. Bush ao criar a intervenção militar no Oriente Médio, revitalizou a ideia da administração Clinton pois o mesmo também utilizou-se de terminologias como forma de justificar seus atos hostis no Oriente Médio. Como por exemplo “eixo do mal”, “guerra ao terror”. Bush ao reviver esses termos Mostrar para opinião pública que estava em jogo a luta do “bem contra o mal”. A instalação da democracia seria o maior bem para aquela região como ele afirma:

Hoje firmamos um novo compromisso, o de cumprir as promessas de nossa nação por meio da civilidade, coragem, compaixão, caráter. A América, em seu melhor, combina um comprometimento com os princípios a uma preocupação de civilidade. Uma sociedade civil demanda de cada um de nós de boa fé e respeito, tratamento justo e perdão. (BUSH,2001 apud LEITE.2013.p.105)

Logo após definir sua luta como do bem, o poder norte-americano e os países tido como defensores de terroristas. Ele denominou esses países do “eixo do mal” em seu discurso. Com declara Zahreddine Teixeira:

{...} discurso do presidente Bush acerca do “eixo do mal”, de 29 de janeiro de 2002, ele indica a disposição em conter e ,se necessário ,destruir, países que, para ele, financiavam o terrorismo internacional e eram portadores de armas de destruição de massa.{...} O interessante da postura estadunidense é que todos os países citados como pertencentes ao eixo do mal eram na verdade regimes contrários à presença ativa estadunidense na política regional. Iraque, Irã, Líbia e Síria são os representantes no Oriente Médio do eixo do mal e, coincidentemente, países que mais resistiam à intervenção estadunidense na região.(ZAHREDDINE.TEIXEIRA. 2014,p.82)

A definição desses países serve para mostrar para a opinião pública norte-americana, como também global contra quem o pentágono iria lutar para exportar sua ideia democrática. E mostrando uma nova acusação sobre esses países de serem fábrica

de armas de destruição em massa. Para assim conseguir maior número de apoio a sua barbárie na região do Oriente Médio.

Com base nessa analogia da administração Bush, que seu projeto democrático se finda através de tentar tomar a região para civilidade e paz. Como reitera Gaspar:

O projecto de democratização do Grande Médio Oriente procura aplicar o princípio da mudança de regimes, como pressuposto da pacificação, à escala regional. Mas ninguém parece muito convencido da eficácia desse projecto nos tempos mais próximos – salvas possíveis excepções. (GASPAR. 2007,P.92)

O próprio projeto já era tido com tendência por interesses econômicos do pentágono do que por tentar implantar uma democracia livre.

Uma denominação que já existia no passado na administração Clinton e volta ganhar força na administração Bush logo após o atentado do 11 de setembro de 2001 é estados falhados, ou fracos. É uma ilustração o desmerecimento sobre estado que para o mundo ocidental capitaneado pelo EUA era visto como estado de política ruim, sem tanta importância no cenário global, como diz Barroso:

O problema com os Estados falhados é que eles persistem como foco de instabilidade para os países vizinhos, para a estabilidade regional e paz internacional. Isto quer dizer que os problemas do Estado falhado não se limitam às suas fronteiras. Adicionalmente a estas ameaças à estabilidade e segurança, um Estado falhado ou vias de o ser, é o terreno propício para subversões internas ou externas. (BARROSO. 2007, p.7)

Por esse fato que o mito de exportação da democracia é bastante utilizado, como uma forma de colocar “ordem na casa” naquela região fazendo países, que o ocidente denomina de bárbaros e autoritários, em democracias livre. E leite assegura:

Os Estados Unidos entendiam que, a partir do momento em que a população desses países tivesse contato com uma nova forma de governo e organização política, o processo democrático deslancharia com rapidez e serviria de exemplo para os demais países na região. Finalmente, os Estados Unidos aproveitarão essa oportunidade para estender os benefícios da liberdade ao redor do mundo. Trabalharemos ativamente para trazer a esperança para a democracia, o desenvolvimento, o mercado e o livre comércio em todos os recatos do mundo. (NSS,2002 apud LEITE.2013, p.108)

A essa passagem acima vai demonstrando bem claro o real interesse norte-americano no território do Oriente Médio. Com sua perspectiva de democracia e consecutivamente a implantação de fronteiras livres para o livre comércio, uma forma bem característica americana de expansão de seus mercados econômicos.

2.3 A IMPLANTAÇÃO DEMOCRÁTICA NORTE AMERICANA NO ORIENTE MÉDIO

A implantação democrática seja qual for a situação vivenciado em um país ou região, quase sempre vai tomar caminho para o combate armado. Dessa forma, imaginamos os EUA impondo seu mito democrático no Oriente Médio com todos os problemas locais, uma sociedade inteira sendo responsabilizada por algo que não fez, e de certa forma, não apoiou o atentado ocorrido nos EUA. Do outro lado está a forma militar americana de democratizar o território do Oriente Médio. Como afirma Gaspar:

A moderação continua a não ser uma característica nas guerras democráticas. A luta contra o terrorismo é necessária e justa, mas só pode assegurar a sua legitimidade, em coerência com os princípios republicanos, se for travada nos termos da lei. A recusa das autoridades norte-americanas em definir um estatuto jurídico aos militantes terroristas da revolução pan-islâmica na «guerra contra o terrorismo» criou os párias de Guantánamo, aos quais não são reconhecidos direitos, o que mina a credibilidade democrática dos Estados Unidos.(GASPAR.2007,p.91)

A força militar foi bastante utilizada para tomada do poder em dois países, no primeiro momento após o atentado do 11 setembro de 2001. Tanto no Afeganistão como no Iraque, a busca do inimigo invisível que eram os grupos terroristas, que supostamente o pentágono afirmava saber que os governos locais de ambos os países eram cúmplices destes grupos. Foi uma de acusar, e caracteriza um inimigo. Sendo que aquelas pessoas civis não sabiam o real motivo da invasão militar norte-americana em seus países.

Segundo Barroso (2007), a administração Bush passou a ideia para opinião pública local e global de que aquelas nações pertencentes aos estados falhados. Poderiam trazer o autoritarismo de grupos locais governantes de volta, assim a instabilidade poderia volta a imperar e ser repassada para toda região do Oriente Médio. Devido esse fato os estados falhados não podiam fazer parte de debates internacionais, e seu modo de governo devem ser rechaçado pois pode destabiliza toda ordem política local.

Assim, toda a opinião pública global estava totalmente manipulada pelo discurso de guerra de Bush, onde ele passava notícias tendenciosas para a imprensa repassar para a sociedade como forma de legitimar seu apoio:

Hoje, o maior perigo na guerra contra o terror, o maior perigo que a América e o mundo enfrentam são os regimes fora da lei que buscam e possuem armas nucleares, químicas e biológicas. Esses regimes podem usar tais armas para a chantagem, o terror e os assassinatos em massa. Também podem dar ou vender tais armas aos seus aliados terroristas, que as usariam sem hesitação. (BUSH,2003 apud LEITE.2013, p. 117)

No discurso do presidente George W. Bush, se vê seu ponto de vista do problema. Mas tanto Bush como a mídia, buscam ver sobre a ótica da sociedade nacional qual transtorno aquele combate está trazendo para o seu dia a dia. Mostrando assim sempre as mesmas práticas do colonizador de estigmatizar as sociedades tida com colonizadas, para eles menores em detrimento das suas conquistas.

Mas nem sempre esse apoio exacerbado tem grande aceitação como afirma Noam Chomski:

É comum e frequente, por exemplo, ler que “o mundo” todo apoiou plenamente George Bush quando o então presidente norte-americano ordenou o bombardeio do Afeganistão. Isso podia até ser verdade para “o mundo”, mas certamente não era para o mundo, conforme revelou uma pesquisa de opinião internacional realizada pela agência Gallup logo após o anúncio do bombardeio. O apoio mundial foi mínimo. (CHOMSKI.2016, p.32)

As forças militares são de grande relevância para conquistas territoriais em qualquer região do mundo, mas somente força repressiva canaliza poder contra grupos rebeldes.

Os analistas militares americanos reconhecem que o poder militar por si só não é suficiente, e seu reconhecimento da vulnerabilidade e das limitações desse domínio levou-os a propor uma forma ilimitada de domínio envolvendo toda a esfera do poder, um “domínio de pleno espectro”, associando o poder militar ao controle econômico, político, social, etc. (HARDT. NEGRÍ. 2005,p.17)

Essa passagem demonstra como o poder norte-americano conseguiu dominar a região do Oriente Médio. Pois ele primeiro tentava precarizar todas as formas que trazem hegemonia aos estados, como poder econômico, político e social. Não conseguindo êxito partiam para intervenções armadas. Com isso Praticamente acabam com as forças políticas locais, dilacerando a sociedade civil local. Desse ataques pressupõem a ideia de reconstrução através de países que tenha uma democracia plena, logo os mesmo reivindicando esse posto para si. Colocando o poder de reconstrução na mão do interventor, uma pessoa de confiança do pentágono.

A democracia militar norte-americana foi a principal tática para tomada de território, algo que do ponto de vista diplomático tem movimento uniforme contrário. Mas quando o pentágono aborda isso como solução para acabar com o problema que possa por ventura a ser global ao invés de regional, toda a opinião pública se curva à ideia da administração Bush:

Americanos não devem esperar uma batalha, mas sim uma campanha extensa, diferente de qualquer outra que nós já vemos. Ela pode incluir ataques dramáticos, visíveis na televisão, e operações secretas, sigilosa até mesmo no sucesso. Nós vamos cortar o financiamento dos terroristas, jogar um contra o outro, fazê-los correr de um lugar para o outro até que não haja mais refúgio ou descanso. E nós vamos perseguir nações que ofereçam ajuda ou abrigo seguro para o terrorismo. Cada nação, em cada religião, tem de tomar uma decisão agora. Ou estão conosco ou estão com os terroristas. Desse dia em diante, qualquer nação que continue a proteger ou sustentar terrorismo vai ser considerada pelos Estados Unidos como um regime hostil. (BUSH,2001 apud FOLHA DE S. PAULO. 2001 p.3)

Instalar regimes democrático no Oriente Médio pelos EUA não era tão fácil, pois aquela região é composta de diversas excepcionalidades, como a briga religiosa através da corrente islâmica entre Sunitas e Xiita que gerou grupos revoltosos contra o Ocidente e suas culturas, além da riqueza mineral. O medo norte-americano era implantar regimes democráticos e a sociedade eleger grupos revoltosos contra a teoria de cooperação do Ocidente, como é o caso do livre comércio, tão pregado pelo pentágono. Como comprova Barroso:

A visão norte-americana de que um Médio Oriente democrático pressupõe que as democracias emergentes continuarão a estabelecer relações privilegiadas com os EUA, pode ser o factor central na promoção da democracia na região. Porém, como os islamitas são a grande força política na região e oposição aos regimes autoritários apoiados pelos EUA, são aqueles que estão em melhores condições para tirar mais proveito da democratização. Por conseguinte, eleições vencidas por extremistas podem levar a democratização ao totalitarismo e ao anti-americanismo.(BARROSO, 2007. p.10)

O medo que o pentágono já sentia era que suas invasões em territórios do Oriente Médio não tivessem grande aceitação das sociedades nacionais e que o anti-americanismo reinasse nas escolhas políticas.

Uma outra constatação a ser feita sobre a implantação da democracia no Oriente Médio é que em ambos os países invadidos foram atos unilaterais norte-americanos sem pedir permissão a órgãos reguladores como a ONU, grupos de países como o da OTAN. A intervenção norte-americana no território Afegão não foi bem aceita pela comunidade internacional, principalmente pelo presidente do Conselho de Segurança da ONU que ao ser notificado sobre a empreitada militar americana no território do Afeganistão declarou-se “agradecido pelas cartas, mas não consultou os demais membros, nem tampouco concedeu permissão para o ataque”. O presidente do Conselho de Segurança juntamente com países membros sempre repudiaram os ataques terroristas, mas defendiam “o combate global do terrorismo, sem autorizar o uso da força”.

O poder imperial norte-americano fez a intervenção no território do Afeganistão, como pode ser notado acima, sem nenhuma ajuda internacional, tornando uma ação militar unilateral. A justificativa da administração Bush era que: por ser algo que toda a população apoiava e o congresso americano também, não se fazia necessária a liberação de demais órgãos reguladores. Isso servia também para mostrar ao mundo que a hegemonia militar estadunidense continuava bastante forte contra seus adversários, nesse caso era um alvo invisível; a rede terrorista AL-Qaeda.

O governo norte-americano não se limitou apenas à invasão do Afeganistão na região do Oriente Médio. Assim, no dia 23 março de 2003 a administração Bush decretou intervenção militar em território iraquiano. Sobre a justificativa de que o maior líder político do Iraque Saddam Hussein estava produzindo armas químicas que estavam causando um risco a segurança mundial. Colocando para opinião pública mundial de que estão defendendo a liberdade do mundo da “guerra ao terror”. Com isso a ordem local da região sofria mais uma grande derrota, porque a hegemonia dos EUA sobre o Afeganistão e Iraque ia de acordo com a política expansionista de George W. Bush no Oriente Médio, onde países que tentassem resistir ao seu poder sofreriam a intervenção militar. Como afirma Zahreddine. Teixeira:

A ação militar contra o Afeganistão em 7 de outubro de 2001 e a segunda invasão do Iraque em 20 de março de 2003 geraram mais uma vez fortes disputas pelo controle da ordem regional. O fortalecimento dos aliados estadunidenses e o enfraquecimento de países que historicamente resistiam à presença estrangeira, como Irã e Síria, levou a uma maior desestabilização da região. Além disso, a presença de atores transnacionais, como grupos terroristas, tornaram ainda mais complexo o cenário regional. (ZAHREDDINE. TEIXEIRA. 2014, p.2014)

Sendo assim, países que historicamente lutam contra forças estrangeiras como Síria e Irã ficaram com grande receio de lutar pela a hegemonia local, pelo fato de temerem serem contra a imposição estadunidense na região, e serem condenados como o próximo inimigo da segurança global, como aconteceu com Iraque.

Bush montou também a estratégia de combate militar no Iraque como comprovam Nasser e Paoliello:

{...}previa a existência de quatro fases: assegurar apoio internacional para o envio das tropas, moldar o campo de batalha, conduzir operações de combate e realizar operações militares limitadas após alcançar a derrota do regime iraquiano (Bensahel et al., 2008, p. 54). Pensando mais especificamente na última fase, isto é, na transição para um novo governo iraquiano, o presidente Bush emitiu Diretiva Presidencial de Segurança Nacional n. 24, em 20 de janeiro de 2003, que autorizava o Departamento de Defesa a assumir a responsabilidade administrativa do pós-guerra no Iraque.(NASSER. PAOLIELLO. 2014, p.28)

Assim como no caso da invasão no Afeganistão, a intervenção militar no Iraque também ocorreu de forma unilateral sem o apoio da comunidade internacional:

para a declaração de guerra entre estados, a ONU exige a aprovação do Conselho de Segurança, que os EUA não obtiveram Os norte-americanos ainda estavam envolvidos no Afeganistão e não apresentaram provas suficientemente convincentes para invadir o Iraque e depor o Presidente Hussein. (ARANTES.2004, P.57)

Devido à negativa mais uma vez do Conselho de Segurança da ONU, a administração Bush sempre tentava desmerecer a instituição em seus discursos, atacando e colocando interrogações sobre a importância daquela organização. Que nestes dois momentos, não cedeu às pressões estadunidense. Mesmo com a negativa a invasão nos dois países, a ordem internacional não foi respeitada pelo o poder norte-americano.

O que se constata nas teorias dos estudiosos sobre a invasão estadunidense no Oriente Médio é que o interesse americano não foi somente lutar contra organizações terroristas, mas sim com a ideia de desestabilizar aquela região e seus

regimes locais para poder se apropriar de recursos naturais, antes de outros países poderosos entrarem na disputa. É claro que existem diversas teorias, mas Chomski expressa abaixo as ideias de líderes dos regimes autoritários:

Os ditadores favorecidos devem ser respaldados durante o tempo em que conseguirem manter o controle (como os principais Estados produtores de petróleo). Quando isso já não for possível, descarte-os e tentem restaurar o antigo regime da forma mais completa possível{...} (CHOMSKI. 2016,p. 103)

Os ditadores são utilizados até enquanto tem serventia para controlar a dominação econômica e social para o pentágono. Quando isso não acontece, faz-se como fizeram com o Iraque, desorganizam a ordem política local como forma de justificar sua invasão e reproduzem diversos discursos exaltando a chegada da democracia naquela região como forma de justificar sua invasão à opinião pública global.

2.4 AS FORMAS DA INTERVENÇÃO MILITAR NO ORIENTE MÉDIO

A intervenção militar na região do Oriente Médio foi um investimento enorme para o pentágono. Pois, era uma guerra invisível contra grupos terroristas sem bases fixas, por levantar hipóteses sobre o apoio de grupos que lideram os estados de serem cúmplices dessas organizações terroristas e de fabricarem armas químicas, como no caso do Iraque.

O efeito desta intervenção no Oriente Médio foi algo pensado pelo o maior líder da AL-Qaeda; Osama Bin Laden. Onde dizia que iria fazer os EUA investir todas suas riquezas em combate armado, o que acabaria tornando essa super nação mais pobre. Afirma Chomski:

Estima-se que os custos das guerras de Bush e Obama no Iraque e no Afeganistão cheguem a 4,4 trilhões de dólares – uma tremenda vitória para Osama bin Laden, cujo objetivo anunciado era levar os Estados Unidos à falência, arrastando o país para uma armadilha.[20] O orçamento militar norte-americano para 2011 – quase equivalente aos gastos com despesas militares do restante do mundo inteiro somado – foi maior em termos reais (ajustado à inflação) do que em qualquer outro momento desde a Segunda Guerra Mundial, e está programado para subir ainda mais. Há muitos boatos extraoficiais acerca de cortes projetados, mas essas informações não mencionam que, caso de fato ocorram, os cortes serão feitos com base em projeções de futuros índices de aumento do orçamento do Pentágono. (CHOMSKI.2016, p.84)

Essa passagem mostra que a armadilha de Bin Laden obteve êxito em algumas partes, porque o investimento em segurança só cresceu e durante este período o

governo norte-americano passou por alguns abalos econômicos que deixaram aquele grande estado soberano do fim da guerra fria um pouco enfraquecido.

As formas como o pentágono faz sua invasão no território do Oriente Médio também demonstra como o poder do estado não tão centralizado como é pensado como vemos fala em guerra tutelada pelo os EUA. Como afirmam Nasser e Paoliello:

No teatro de operações do Iraque, de acordo com relatório do Congressional Budget Office dos EUA, foram concedidos US\$ 85 bilhões em contratos privados para o período 2003-2007, compreendendo cerca de US\$ 76 bilhões para o Departamento de Defesa (DOD), US\$ 5 bilhões para a Agência dos Estados Unidos para o Desenvolvimento Internacional(USAID) e US\$ 4 bilhões para o Departamento de Estado. (NASSER. PAOLIELLO.2014, p.30)

Então, o que se constata é que a forma de organizar um combate armado como a intervenção militar no Oriente Médio é bastante descentralizada, onde todos saem ganhando. Pois o aparelho estatal provoca a guerra com a ideia de defesa da soberania social do seu estado e em contrapartida todos os recursos liberados para o combate armado é dividido entre a empresas estatais, assim como também parte destes recursos vão para empresas de segurança privada como é acentuado acima.

Segundo NASSER e PAOLIELLO (2015), essas empresas utilizam esses recursos para armar a estratégia de combate, cada uma dentro da sua característica. Existem três tipos de empresas de segurança: as provedoras militares que são aquelas que fazem a tática de segurança partido do combate armado, a de consultoria militar que treinam o agente de segurança para o duelo armado, e as de apoio militar sendo elas responsáveis pela logística, inteligência, transporte. Como podemos constatar aquela noção de uma superpotência militar onde o exército militar norte-americano exaltado é quase fantasiosa, pois o fato denominado demonstra que a política militar no Oriente Médio foi feita pelo estado, mas quem executou os combates foram as empresas de segurança privada em grande parte dos eventos militares.

Essa forma de espalhar democracia através deste método de privatização da força de segurança de combate armado é bastante usual para o pentágono porque tudo que venha acontecer neste duelo armado o governo não será autuado, nem pressionado pela opinião pública. O governo norte-americano fica escondido neste tipo de debate, se por acaso as pessoas vierem morrer no combate armado seja civis ou militares pentágono não será questionado pelo esses genocídios. Pois, vejamos que os militares fazem parte do exército de mercenários patrocinados pelo governo

norte-americano, que pagou as empresas de segurança que prestam o serviço sujo.

Como afirma Hardt Negri:

{...}empresas militares privadas”, que são empresas, frequentemente dirigidas por oficiais da reserva, que assumem funções operacionais e de apoio no campo de batalha, ou seja, muitas vezes fazendo o “trabalho sujo” das forças armadas americanas. Entretanto, esse tipo de contratação deixa turva a distinção entre apoio de aluguel e soldados de aluguel (mercenários){...} Os mercenários contemporâneos devem ser soldados biopolíticos aptos a dominar capacitações jurídicas, técnicas, culturais e políticas. Suas relações com as aristocracias imperiais às vezes são próximas, outras vezes, distantes, mas o que mais se teme é que o condottieri se volte contra os aristocratas{...} (HARDT. NEGRI. 2005, p.16)

Há dois fatos evidentes nessa passagem acima, que demonstra o nível elevado dessa forma de combate, onde usavam comandantes da reserva do exército norte-americano para efetivar essa tática de guerra no território do Oriente Médio, assim com as formas de como os mercenários devem se comportar neste tipo de invasão nos dias atuais. Sendo até interventor e, se possível, fazendo ações no governo.

Como fizeram no Iraque, Nasser e Paoliello evidenciam:

{...}na transição para um novo governo iraquiano, o presidente Bush emitiu Diretiva Presidencial de Segurança Nacional n. 24, em 20 de janeiro de 2003, que autorizava o Departamento de Defesa a assumir a responsabilidade administrativa do pós-guerra no Iraque{...} (NASSER. PAOLIELLO. 2014, p. 28)

Essa tática vai de acordo com o discurso do então presidente dos EUA:

Os Estados Unidos, superpotência militar inquestionável, delegam a seus militares missões que variam entre fazer a guerra e fazer a paz, impor a paz, manter a paz ou construir uma nação, muitas vezes causando uma dificuldade em diferenciar tais funções. A tendência é de que, cada vez mais, sejam reduzidas as diferenças entre guerra e paz.(BUSH,2002 apud LEITE.2013.p.115)

Bush em seu discurso deixa bem explicado que um militar, seja do exército americano ou mercenário, deve seguir a doutrina da sua administração naquele momento.

Mais um método bem autoritário desta invasão são os cometidos pelos militares à população local da região. Como frisam Nasser e Paoliello:

As empresas militares de segurança privada tiveram participação relevante relacionada a uma série de relatos de violência por meio da prática de tortura e assassinatos de prisioneiros nas prisões iraquianas. Funcionários terceirizados, trabalhando em equipes junto aos funcionários do Departamento de Defesa ou das agências de inteligência, como a CIA, exerceram várias tarefas, como tradução durante os interrogatórios, consultoria sobre informações e inteligência sobre os prisioneiros e grupos insurgentes, ou ainda consultoria a

respeito das técnicas de interrogatório e tortura (NASSER. PAOLIELLO. P.35)

Esses métodos são repudiantes, mostram como a ação militar norte-americana não respeita o lado humano daquela sociedade e nem os fundamentos básicos de uma pessoa presa. Deixando uma pergunta grotesca no ar; como um governo que tem um presidente que propaga a democracia em todos os cantos do mundo, e ao mesmo tempo são tão bárbaros em suas ações juntamente com seus militares contra uma população oprimida?

2.5 O PÓS GUERRA DEMOCRÁTICA E DUELO ENTRE IDEOLOGIA ISLAMICA PELO PODER

A implantação da democracia nunca foi tão aceita na região do Oriente Médio como já citado, mas com o advento da invasão norte-americana em alguns países da região tendo como ponto principal torna-los em nações democráticas servindo de exemplo para a região, fez-se necessária a mudança de regime fazendo transições dolorosas. Para BARROSO (2007), “dada a determinação da Administração Bush em promover a democracia na região, é necessário ter em consideração que a transição dos regimes autoritários pode não se fazer de acordo com os interesses norte-americanos.” E com medo de não se fazer a reforma da maneira com os EUA queria. A sugestão da administração Bush foi tomar duas iniciativas como reformas econômicas, sociais. A primeira ofertando direito as mulheres ao voto. E a segunda, definir aquele território como recrutamento de grupos terroristas, como Bush levou para reunião do G-8.

A ideia de Bush era bastante nítida, por um lado abrir o horizonte democrático tornando a opinião pública local como sua aliada. E para o mundo passar aquela história cansativa do “eixo do mal”, onde se tem campo de concentração de terroristas nos estados falhados, lugares por onde a democracia não perpetuou na tentativa de mobilizar a mídia e a opinião pública global através da manipulação como alega Hardt Negri:

Nos estudos sobre a mídia, novamente, o conceito sobre opinião pública se encontra dividido entre uma expressão individual racional ou uma manipulação social de massa. A visão utópica é criada pelos próprios meios de comunicação dominantes: a mídia oferece a informação objetiva e os cidadãos formam as suas próprias opiniões, estas que retornam aos meios de comunicação pelas pesquisas de opinião. (HARDT. NEGRI.2005 p.52)

Com o passar dos anos de dominação no território do Iraque pela administração Bush, ficou mais difícil justificar a intervenção somente sobre a ideia democrática como afirma Chomski:

A guerra do Iraque é um caso instrutivo. Foi vendida para um público aterrorizado sob a usual justificativa de autodefesa contra uma apavorante ameaça à sobrevivência: a “única questão”, declararam George W. Bush e Tony Blair, era se Saddam Hussein encerraria seu programa de desenvolvimento de armas de destruição em massa (*weapons of mass destruction* – WMD, na sigla em inglês). Quando a única questão recebeu a resposta errada, a retórica do governo facilmente mudou para o nosso “anseio por democracia”, e a opinião pública instruída se comportou conforme o esperado. Mais tarde, à medida que estava ficando difícil ocultar a dimensão da derrota dos EUA no Iraque, o governo discretamente admitiu o que já estava claro para todo mundo. Em 2007, a administração anunciou oficialmente que um acordo final deveria assegurar a permanência de bases militares norte-americanas e o direito de operações de combate no país, e privilegiar os investidores estadunidenses na exploração do rico sistema energético do Iraque – demandas abandonadas somente com muita relutância em face da resistência iraquiana, e tudo mantido bem escondido da população em geral. (CHOMSKI.2016, p.92)

A partir desta abertura, como também mostra NASSER e PAOLIELLO (2015): “O trabalho de reconstrução no Iraque apresentou grandes possibilidades de investimentos, principalmente se considerarmos as potencialidades do mercado petrolífero”, ficando assim bem visível a estratégia norte-americana de dominação. Pois já tinha total controle dos recursos energéticos, só faltava a contratação de empresas dominadoras privadas americanas que privatizava a segurança. Para monitorar o seu maior bem defendido no Iraque os recursos energéticos, acabando assim com alguma ameaça de perder aquele bem tomado da sociedade iraquiana.

Os duelos religiosos são pontos fundamentais nesta política conturbada no Oriente Médio, haja vista a disputa é enorme entre essas forças pelo poder do estado. Onde se tem a divisão entre religiosos e grupos fundamentalistas. Como afirma Zahreddine Teixeira:

{...}Com a destituição do presidente Saddam Hussein e de toda sua cúpula, as disputas existentes entre curdos, sunitas e xiitas que eram contidas pelo governo vieram à tona (Zahreddine 2003). Um cenário de extrema instabilidade tomou conta do país, culminando com a participação de grupos transnacionais formados por fundamentalistas islâmicos, como a Al Qaeda e o Estado Islâmico do Iraque e do Levante (EIL), controlando partes significativas do território iraquiano. A retirada das forças estrangeiras do Iraque aprofundaram ainda mais o cenário

de crise, permitindo uma atuação ainda mais forte de grupos terroristas. (ZAHREDDINE. TEIXEIRA.2014, p.81)

Este debate é de grande complexidade, pois trata-se de um tema que trata de cada país daquela região, esses que têm individualmente seus níveis de interesse econômico e religioso, assim como também hegemônico de dominação em vim liderar esta região.

3. METODOLOGIA

Considerado meus estudos prévios, e posição como aluno da Unilab, pretendo realizar esta pesquisa tendo como método para ser utilizado o método de pesquisa bibliográfica, que para FONSECA (2002):

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos, páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem porém pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas com o objetivo de recolher informações ou conhecimentos prévios sobre o problema a respeito do qual se procura a resposta (FONSECA. 2002, p. 37).

Mirian Goldenberg (2004) também alerta para essa questão da leitura teórica. Para a autora:

Qualquer pesquisa está situada dentro de um quadro de preocupações teóricas. A leitura da bibliografia deve ser um exercício de crítica, na qual devem ser destacadas as categorias centrais usadas pelos diferentes autores. Este é um exercício de compreensão fundamental para a definição da posição que o pesquisador irá adotar. (GOLDENBERG, 2004, p. 79-80)

A partir desta análise teórica de algumas bibliografias é de onde nascem as ideias e toda a escrita da pesquisa, pois a leitura prévia de algumas bibliografias fomentou o meu interesse sobre o tema de pesquisa.

A base teórica para a formação desta pesquisa partiu de fontes primárias. Sendo fonte: artigos acadêmicos, de jornais e dissertações. Tendo características de pesquisa documental pois houve análises de vários documentos para reprodução dessa pesquisa. Sobre isso, declara Antônio Carlos Gil:

As fontes bibliográficas mais conhecidas são livros de leitura corrente. No entanto, existe muitas outras fontes de interesse para pesquisa bibliográfica, tais como: obras de referências, teses e dissertações, periódicos científico, anais de encontros científicos e periódicos de indexação e de resumo. (GIL. 2010, P.49)

A partir desta base de análises bibliográficas citadas acima alguns questionamentos foram respondidos nesta pesquisa. Fazendo com que a pesquisa bibliográfica fosse de grande relevância para essa pesquisa que me propus a construir. Onde este é o método mais adequado para esse tipo de pesquisa, por conta da distância do lugar pesquisado. Como afirma Gil:

A principal vantagem da pesquisa bibliográfica reside no fato de permitir ao investigador a cobertura de uma gama de fenômenos muito mais ampla do que aquela que poderia pesquisar diretamente. Essa vantagem torna-se particularmente importante quando o problema de pesquisa requer dados muito dispersos pelo espaço. Por exemplo, seria impossível a um pesquisador percorrer todo o território brasileiro em busca de dados população ou renda per capita; todavia, se tem a sua disposição uma bibliografia adequada, não terá maiores obstáculos para contar com informações requeridas{...}(GIL.2010, P.30)

Como aborda Gil acima, o método bibliográfico me proporcionou analisar diversas obras sobre diversos pontos de vista, trazendo uma diversidade de pensamentos que foram bastante relevantes para a elaboração dessa pesquisa.

4. REFERÊNCIAS

BARROSO.L.F.M. **A Paz Democrática, o Iraque e o Perigo de Guerra.** Revista Militar N.º 2464,PDF 1-21, 2007

BUSH, G.W. **O DISCURSO DE BUSH NO CONGRESSO DOS EUA NO DIA 20 DE SETEMBRO.** folha de São Paulo, São Paulo. p. 1-5. 2001

CHOMSKI.N. **QUEM MANDA NO MUNDO?** tradução Renato Marques. 1. ed. – São Paulo: Planeta, 2017.

FONSECA, J. J. S. **Metodologia da pesquisa científica.** Fortaleza: UEC, 2002.

GASPAR.C. **Três proposições sobre a guerra e a democracia.** COMUNICAÇÃO E CULTURA N. 4, pp. 83-95, 2007

GIL.A.C. **COMO ELABORAR UM PROJETOS DE PESQUISA.** São Paulo, ed. 5, atlas, 2010

GOLDERBERG. M.-**A ARTE DE PESQUISA.** 8' ed. - Rio de Janeiro: Record, 2004

HARDT. M; NEGRI. A. **“Multidão – Guerra e democracia na era do Império”**. Tradução de CLÓVIS MARQUES Revisão técnica de GIUSEPPE COCCO. EDITORA RECORD RIO DE JANEIRO • SÃO PAULO 2005 <https://egov.ufsc.br/portal/sites/default/files/resumo_final_multidao_pdf_0.pdf>. Acesso em: 26 de abril 2018.

JUNQUEIRA.M. **Os discursos de George W. Bush e o excepcionalismo norte-americano**. SÃO PAULO, No 17, P. 163-171, JUN. 2003

LEITE. L.A.B. **A CONSTRUÇÃO DO INIMIGO NOS DISCURSOS PRESIDENCIAIS NORTE-AMERICANOS DO PÓS-GUERRA FRIA**. São Paulo, editora cultura acadêmica, p.99-122, 2013

NASSER.R.M; PAOLIELLO.T.O. **Uma nova forma de se fazer a guerra? Atuação das Empresas Militares de Segurança Privada contra o terrorismo no Iraque**. Rev. Sociol. Polit., v. 23, n. 53, p. 27-46, mar. 2015

ZAHREDDINE.D; TEIXEIRA.R.C. **A ordem regional no Oriente Médio 15 anos após os atentados de 11 de Setembro**. Rev. Sociol. Polit., v. 23, n. 53, p. 71-98, mar. 2015

